

campo da época romana, a um desses núcleos esparsos de população que foram muitas vezes a origem de agregados mais importantes; e não será destituída de fundamento tal hipótese, tendo em conta a designação toponímica de *Baixa da Vila*, que se aplica a uma depressão de terreno circunvizinha. A circunstância de uma das sepulturas encontradas ser de pequenas dimensões, mostrando ter pertencido a uma criança, pode mesmo levar-nos a supor que a referida necrópole tenha servido apenas a uma família, cujo chefe foi depositado na sepultura com inscrição, que é de todas a mais importante, como dissemos.

O próprio nome *Germinade*, sobre cuja etimologia nos acodem ao espírito várias hipóteses, presta-se também a conjecturas que dalguma forma poderiam relacionar-se com o que acabamos de expor. Mas não vale a pena insistir sobre esse ponto.

Coimbra, Janeiro de 1925.

A. DE AMORIM GIRÃO.

Rascunho de velharias de Entre-Lima-e-Minho

Esta região, que constitui o extremo setentrional do continente pátrio, é abundantemente povoada de vestígios da antiguidade. Nos cumes das suas montanhas, nos pendores dos contrafortes e nas margens dos seus ribeiros, encontra-se freqüente a peugada dos antigos.

Não seria talvez muito o que eu pudesse aduzir das páginas de impressos ou das laudas dos manuscritos, mas os rasteiros destroços, que coalham o solo em muitos pontos dessa zona, e as modestas ruínas, que se escondem nos sombrios recessos da sua arborização, tão numerosas são ainda que a afirmativa, com que inicio este maço de apontamentos, só pode causar surpresa a quem nunca tenha calcureado uma parte que seja daquela região, com o intuito de pesquisar restos de antigas eras.

A sua densa população, activa e nostálgica, tem decerto apagado inculpadamente muitos vestígios do passado, e por isso os que subsistem mais merecem que se lhes consagre atenção, apesar de humildes.

O amor da antiguidade é um refúgio do espírito. E quando a essa antiguidade podemos chamar muito nossa, como no caso presente, é ainda mais confortante o procurá-la e descobri-la.

Numa curta época da minha vida, bastante divaguei por essa região interamnense; anotei o que se me deparava e guardei. São as

fôlhas das notas de então que me despertam agora estes pensamentos e me ditam estas linhas. Talvez elas não sejam estêreis notícias do que já lá vai e nós nem sequer vimos.

Por uma necessidade apenas expositiva, submetê-las hei a uma enumeração seguida.

1.—Necrópole crista

Em 1900 fizeram-se escavações no adro da igreja de Giela, histórica freguesia do concelho dos Arcos de Valdevez. Fala-se dela na doação de D. João I a F. Anes de Lima, e ainda lá existe a maciça tórre de menagem, a que no sec. XVI se encostou uma moradia senhorial ameada, de que uma linda janela manuelina realça um tópo.



Fig. 1

Os trabalhos então executados naquela igreja motivou-os a reconstrutiva ampliação do pequeno edificio. Foram encontradas antigas sepulturas, a respeito das quais obtive os seguintes esclarecimentos.

A sua situação era ao norte e nascente da igreja; foi para esse lado que se alargou o adro. As covas eram aproximadamente orientadas e tinham planta trapezoidal. Houve o cuidado de medir algumas.

A sepultura *A*, por exemplo, era forrada parcialmente de *tegulae* e media no comprimento $1^m,30$; na cabeceira $0^m,35$; nos pés $0^m,30$; exíguo cadáver lá se inumou. Na parte mais estreita uma laje a limitava; era também de lajes a coberta. Em pleno saibro, sem fôrro algum, abria-se outra: *B* direi. No comprimento $1^m,85$; a parte mais larga $0^m,40$; a mais estreita $0^m,33$. Tapada com lajes.

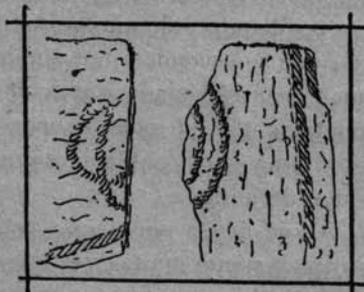


Fig. 2

Uma terceira, sepultura *C*, era forrada não de *tegulae*, mas de *lateres*, tejos lisos; de comprido media 2 metros e nos topos $0^m,45$ e $0^m,35$.

As *tégulas* bem cozidas tinham estas dimensões: em uma, comprimento $0^m,46$; dois lados menores desiguais $0^m,37$ e $0^m,36$. Outra: $0,46 \times 0,37$ e $0,33$. Eram pois mais ou menos trapezoidais. Pareciam

de outro fabrico os tejos; pasta clara, má cozedura; partiam-se sem choque, pelo seu pêso. Eram rectangulares e as suas dimensões tinham em uns, comprimento 0^m,48; largura 0^m,30; espessura 0^m,070; em outros, respectivamente: 0^m,31 × 0^m,23 × 0^m,070. Estes tejos protegiam os lados das sepulturas, colocados de cutelo¹. No fundo das sepulturas era o solo nu; a terra que as enchia, negra e untuosa, com alguns fragmentos de carvão.

Nas tégulas (figs. 1 e 2), algumas de leve encurvamento no sentido do eixo maior, o oleiro produzira com os dedos, sôbre o barro cru da face superior, traços variados.

Não foi encontrada vasilha alguma nas sepulturas; contudo alguns pedaços de chapa de bronze; fora, nos entulhos, apareceram mós manuárias.

Na demolição de algumas paredes da igreja encontravam-se pedras de edificio anterior; algumas pintadas e com traços dourados e até uma com caracteres, que malaventuradamente se perdeu.

O pequeno cemitério parece datar da baixa idade média.

Esta freguesia poreja antigualhas em todo o seu âmbito. No fundo de uma quinta chamada do Rial (nome por si só ligado à antiguidade, *Rial* ou *Arraial*; veja-se no *Elucidario de palavras e frases, etc.*, por J. de Santa Rosa de Viterbo, s. v. *Arraial*) tem surgido do subsolo troncos de colunas (eu vi um pedaço de fuste), mós manuárias, tejos, encanamentos de telha, e colhi um fragmento de pequena mão ou moleta de quartzito, que mede de altura 0,076. Fig. 3.

Esta quinta está contígua a um pinhal, a que chamam a *Cêrca*, denominação também significativa.

Dentro do território da freguesia está a pia ou *torcularium* que descrevi n-*O Arch. Port.*, iv, 289, e amplifiquei no vol. xiv, 354.

Para o lado do N., em um elevado morro, está o Castelo de S. Miguel-o-Anjo, castro romanizado com que já ocupei algumas páginas desta mesma revista, nos vol. I, 161; iv, 231; xiv, 310.

Todas estas velharias são o rasto deixado pelas populações que, desde a época pre-romana, se fixavam nos pontos elevados destas encostas e posteriormente com a civilização romana desceram à cultura

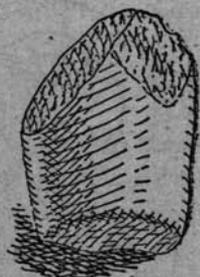


Fig. 3

¹ No *Catálogo* do Museu Etnológico Português, para onde vieram fragmentos destes artefactos cerâmicos, referem-se-lhes os verbetes n.º 16:688 e 16:689.

das veigas férteis, cristianizando-se pouco depois e dando origem às próximas freguesias de Ázere, Giela, talvez S. Paio dos Arcos. Veja-se a carta que publiquei n-*O Arch. Port.*, x, 260.

2.—Pedra lavrada

Num ângulo da igreja, a que me refiro em o número antecedente, junto à pilastra exterior que limita por O. a face do S. da parede do corpo da igreja, vê-se, rente do solo, uma pedra lavrada. Mede de comprimento dois palmos e uma polegada (cêrca de 0^m,50) e de largura aproximadamente 0^m,032. Pelo desenho, que ocupa a sua face plana exterior, conclui-se que está quebrada e incompleta. Fig. 4.



Fig. 4

Os sulcos da ornamentação tinham apenas a profundidade necessária para acentuarem o desenho; os seus bordos eram arredondados.

Temos aqui, ao que se afigura, uma pilastra ornamentada num estilo que se afasta bastante da baixa idade média. Curvas regulares paralelas, simétricas e repetidas, com a preocupação de encher espaços em claro, tem ressaibos de estilos anteriores.

Creio todavia que não é necessário sair fora do médio evo para capitular plausivelmente a antiguidade desta peça de ornamentação arquitectural. Quem porém atendesse isoladamente ao carácter do desenho, extraviaria, penso, o seu critério cronológico, recuando demasiadamente na ordem dos tempos.

A analogia dêste desenho com o de outra pedra procedente do castro de Cendufe é bastante acentuada, se bem que a ornamentação desta consista em duas séries paralelas de círculos duplos pontuados no centro, e, entre os espaços dessas duas séries, é que existem losangos côncavos. Os círculos constituem porém um motivo interrompido e a curva da pilastra de Giela é contínua. Esta espécie de losangos, na missão de preencherem espaços, encontra-se não raramente na época de ferro. Por exemplo, em uma pequena placa da acrópole púnica de Villaricos (L. Siret, *Villaricos y Herrerias*, lâmina VII, n.º 19).

Da arte céltica poderiam aduzir-se analogias (J. Dechelette, *Manuel d'Archéologie*, II, parte III, p. 1518): daí passaria talvez aos mosaicos romanos; na Lusitânia, há os de Almoçageme.

Estes factos porém não me mostram, julgo, mais do que degraus duma evolução, porque é na arte bárbara que mais de perto me parece poder entroncar a linhagem da pedra de Giela.

Citarei apenas a obra de Stuckelberg, *Longobardische Plastik*, p. 100, e a de Lindenschmit, *Das Römisch- Germanisch Central Museum*, pl. iv.

Na ornamentação visigótica encontram-se analogias de desenho, que não podem ser indiferentes a este confronto; vejam-se as lâminas XII e XXI dos *Études sur les sépultures barbares*, por C. Barrière Flavy.

Restaria versar o destino ou utilização da lápide. Não se lhe vendo porém mais que uma face, seria escorregadio tomar por esse caminho.

3.—O Alto do Modorrão

Em Abril de 1897 visitei na freguesia de Eiras um morro a que chamam: *Alto do Modorrão*. Sabido que as elevações artificiais de terra, cujo destino era o de abrigar uma sepultura dolménica, recebem por vezes a denominação de *modorras*, aquele tópico chamou-me a atenção¹. Era um elevado sítio, donde se avista largo e esplêndido horizonte para o quadrante de leste e que, para oeste, mais altaneiras encostas dominam; com estas têm ligação.

Pelos vestígios encontrados, é uma estação humana da natureza dos *castros*. Administrativamente, pertence à freguesia de Eiras. Logo abaixo dêste, outro castro se encontra, o de *Aboim*, outra freguesia do mesmo concelho. O terreno é acidentadíssimo, mas fértil; do outro lado do rio Vez, quem para lá estender a vista, descobre um terceiro castro, o de *Alvora*, nome de freguesia também.

O declive do lado de leste do Modorrão é muito grande; era a natural defesa da estação. Ainda encontrei um trecho de parede de casa circular e o indício de outra no saibro, com um nicho ou recanto aberto lateralmente em uma das paredes. O saúdoso abade de Eiras, que me acompanhava, observou-me que nos restos, que

¹ Informaram-me que, do outro lado do Castro para N., há uma devesa chamada *Medorra*.

O meu amigo P.^o Cunha Brito soube, por um velho tombo da freguesia de Cabreiro, que havia um sítio chamado «cômoro de Modornas»; averiguou-se que era na margem do rio Vez, acima do Cornêdo e fronteiro a um castro, que há na encosta da serra da *Anta*; o rio tem aí um pêgo a que chamam o Poço da *Modorra*. O onomástico a contar-nos a sua vida...

tinha visto, não encontrara porta. A nota é justa; na Citânia de Briteiros as entradas das habitações não estavam ao nível do solo; parecia não terem tido porta.

Como se verifica, a região alto-minhota está semeada de *castros*, e devo notar que me refiro agora apenas a estações humanas fortificadas da idade do ferro; anteriores a estas não faltam vestígios, em muitos padraços, de estações de época anterior, nas quais não se descobrem obras de fortificação; no concelho dos Arcos de Valdevez citei o *Alto de Penacova* (época cuprolítica), por mim explorado¹, e a pequena estação (ou mera necrópole) da *Seara*, na margem esquerda do rio Vez; estudos estes inéditos.

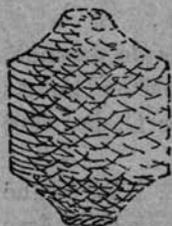
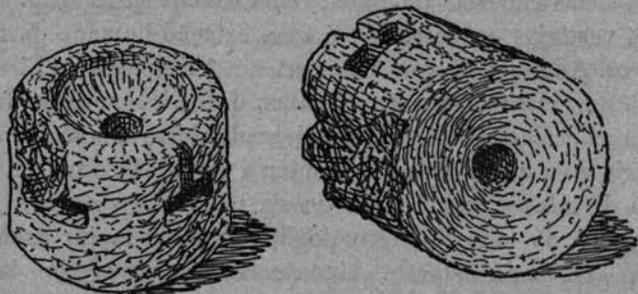


Fig. 5

De singular, neste cabeço, deparou-se-me um duplo pé de mó manúaria. (Cf. *O Arch. Port.*, iv, 234, nota 2). Os topos deste cilindro de granito eram análogos: duas superfícies côncavo-cônicas com a depressão central. Fig. 5².

Deram-me a notícia de outra mó ou cilindro de pedra, em que as extremidades eram côncavas ou escavadas e tinham ao centro uma perfuração.

Esta pedra mede de comprimento 0^m,27; diâmetro 0^m,38; o orifi-



Figs. 6 e 7

cio tem de diâmetro 0^m,085, e uma das extremidades tem um pequeno rebordo com 0^m,050 que a circunscribe e que parece indicar que uma peça convexa correspondente, mas menor, deveria girar dentro. Na superfície cilíndrica exterior vêem-se quatro entalhos a iguais

¹ Presumo que o *Alto da Pena*, junto a Guimarães, é estação coeva, a julgar pela cerâmica exposta no Museu Etnológico; salvo melhor juízo.

² Em 1904 informaram-me que foi transformada em pia esta curiosa antiqualha.

distâncias com a forma de L. Está actualmente no Museu Etnológico. Figs. 6 e 7.

Do lado de leste, os habitantes dêste morro abriram um fôssco, que vem subindo desde o norte e intercepta a ligação do castro com a montanha; disposição esta que assegurava a defesa e o isolamento da estação; a largura do fôssco, no fundo, era de 6 a 7 metros. Nesta parte, há um ponto a que chamam significativamente o *Portal* (*O Arch. Port.*, I, 93, e III, 201); uma grande aglomeração de calhaus parece indicar que era aí o ádito da povoação. Que êsse fôssco era artificial, deduzia-se do seu próprio aspecto; além disso tinha sido rasgado em terreno muito resistente e um tanto rochoso; e a aresta interior da trincheira teria sido protegida por algum largo muro, porque existiam ainda montões de pedra que representam talvez as suas ruínas.

Neste castro foi encontrada uma sepultura de que tive noticia vaga, mas que depois foi melhor averiguada pelo meu amigo P.^o Cunha Brito. Trata-se duma sepultura por incineração. A urna de barro estava colocada sôbre um tejolo horizontal; dois outros tejolos (*tegulae*) a protegiam com a disposição tectiforme, isto é, encostados em forma de Λ (*v* voltado); as aberturas laterais estavam obturadas por outros dois tejolos; eram portanto cinco tejolos de rebôrdo. A urna tinha a forma (segundo informação) das actuais chocolateiras de barro mas sem asa, e com uma silva (*sic*) gravada em volta do gargalo, podendo calcular-se a sua capacidade em três quarteirões¹. Em esquema, fig. 8.

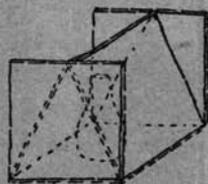


Fig. 8

Nas *Religiões da Lusitania*, pelo S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcellos (III, 577, nota 3), há referência a uma sepultura por inumação, tectiforme e visigótica. Vê-se que o sistema construtivo atravessou largo período.

4. — Divindade calaica. Superstição. Sepultura

Em Novembro de 1897 fiz uma pequena excursão arqueológica à freguesia de Santavaia de Rio de Moinhos². Constava ter aí apparecido há pouco uma *pedra com letras*. Nesta freguesia há, segundo

¹ A chocolateira é um vaso de cêrea de 0^m,30 a 0^m,25 de altura, com pequeno bojo e gargalo alto, côncavo, pouco acentuado; um tanto piriforme truncado.

² Pronuncia-se *múinhos* nesta região.

me informaram, dois castros: Roboreda e Barreiros. Junto da igreja vi pelo solo abundância de fragmentos de *tegulae*; falavam-me em sepulturas de lajes: numa pia ou escavação, onde apareceu uma imagem de S. Sebastião que estava na igreja... Emfim tudo resrescia a vestígios da antiguidade, os quais demandavam tempo de pesquisa e exame, mas os dias eram curtos e a distância para ida e regresso assaz grande. Eu ia com o fito na *pedra com letras*,



Fig. 9

e não convinha perder o rumo. Em uma pequena elevação da encosta do castro supramencionado, de *Roboreda*, estava uma capelinha de S. Cidrão (*Cyprianus*); aí dizem que foi a primitiva igreja.

A igreja de Santavaia é um lindo exemplo rural da architectura de contornos curvilíneos do sec. XVIII. (Fig. 9).

Note-se, antes de passar adiante, a associação destes factos: um castro; uma capela na encosta e dedicada ao santo dos feiticeiros; um monumento pagão na própria ermida! Era a aristocracia autêntica da terra.

A pedra com letras apparecera nas paredes daquela, por ocasião dumas reparações. Era nada menos que uma arazinha consagrada

ao deus *Caro*¹. Infelizmente o seu mau estado de conservação dificultava grandemente a leitura e já não foi pouco ler o nome da divindade, a que os galaicos romanizados do castro de Roboreda presta-



2
Fig. 10

ram o seu culto com a dedicatória duma ara de estilo romano.

A ara está hoje no Museu Etnológico. (*Arch. Port.*, v, 39). Foi oferecida pelo Sr. P.^o Manuel José Pereira.

As três figuras (10, 11 e 12) representam três das quatro faces do cubo, porque uma delas é anepigráfica; mentalmente a essa destino o n.^o 1, seguindo-



3
Fig. 11

-se as outras por essa ordem. O seu estado de conservação é péssimo; apenas um tanto hipoteticamente se lê, em dativo, na face 2.^a a nomeada do deus indígena *Carus*, na 3.^a um *V(otum)* e na 4.^a a dedicatória *M || L · L · D · ||*. A abreviatura *CONS(acratum)* e a sigla *Q(uintus)* ocupam ainda a face 2.^a

As dimensões são: altura total 0^m,33; espessura do cubo 0^m,20; da cornija 0^m,25.

Nas outras paredes da capela encontrou-se também uma rudíssima pia de água benta; tal suponho que era um paralelepípedo de granito de cerca de 1 metro de altura e 0^m,30 a 0^m,40 de lado, com uma simples e grande cavidade semi-esférica num tópo.

Não falta a tradição de grandes haveres soterrados na ermida.

Com a imagem de S. Cipriano ainda hoje se exerce um culto supersticioso, como já referi mais minuciosamente na *Lusa* (I, 4.^o).

Quando os povos exoram a Deus a chuva, conduz-se o santo a uma fonte do castro e aí um sacerdote sujeita-o a uma ablução, cujo efeito necessário é a chuva. Se é o sol que desejam, há no alto do castro uma pia, donde voltam para o sol a imagem. Que vigor de passado!

Uma das sepulturas denunciadas era na devesa do *Ramil*; visitei o local, que era elevado. Constituíam-na tôscas pedras colocadas nos quatro lados e na tampa pequenas lajes; uma destas tinha um pequeno



4
Fig. 12

¹ Cf. D.^{or} Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, II, 336.

ressalto de anterior utilização. O achador disse-me que a terra continha carvões. Nas proximidades há tégulas. É provável que fôsse uma sepultura, por inumação, da alta idade média.

5.—Mão de 7 dedos

Na mesma freguesia de Santavaia de Rio de Moinhos há um outeiro chamado *Antr'-os-Crastos*. Elle mesmo é um grande castro, onde não é fácil extremar o que são efeitos da ravinagem das águas ou da estratégia dos antigos. Logo pelo caminho, sôbre um portêlo¹ vi um fragmento de mó manuária com o diâmetro de 0^m,31 e a largura de 0^m,17; ao centro parte do orifício. Os ciprianistas revolvem o solo em procura de tesouros; um me disse que as *varas*² trabalhavam ali

¹ Disposição especial de pedras numa parede para permitir a passagem de peões.

² Lançar *varas* é uma feitiçaria que já as antigas leis portuguezas profligavam talvez porque, como diz J. de Santa Rôsa de Viterbo, o uso destas varas implicava algum pacto diabólico, quando não eram «pelloticas, e tramoias, de charlatães e embusteiros» (s. v. Lançar varas). Nas *Ordenações do Senhor Rey D. Afonso V* (Liv. v, Tit. xxxxi—*Dos Feiticeiros*) já é citada uma lei de D. João «seu avô», na qual se lia: «1. *Nom seja nenhũ tam ousado que por buscar ouro, ou prata, ou outro aver lance varas, nem faça circo, nem veja em espeelho, ou em outras partes*». E adiante: «4. *E lançando alguem varas ou sorte, para buscar ouro ou prata, ou algum outro aver*», etc.

Não se praticava só em Portugal, com a varinha de aveleira, êste processo de descobrir tesouros. Recorto do *Cours Complet d'Agriculture*, pelo Abbé Rozier (Paris 1785), o seguinte trecho:

«Baguette divine ou divinatoire, caducée, verge d'Aaron, baguette de Jacob &c. noms donnés à um rameau fourchu de coudrier, d'aune, de hêtre, de pommier, de laurier & même de trone d'artichaut &c. dont quelques charlatans se servent pour découvrir les minières, les trésors cachés, les sources & ce qui est encore plus ridicule, les voleurs & les meurtriers fugitifs».

Explica depois os três modos de segurar a *vara*: o 1.º, e o mais vulgar, consiste em o raddomágico tomar um ramo de aveleira bifurcado, com o comprimento de pé e meio, a grossura de um dedo e idade de um ano; seguram-se as duas ramificações com as duas mãos de modo que a parte superior destas fique voltada para a terra, a vara para diante, e paralela ao horizonte. O 2.º é colocar o ramo em equilibrio nas costas da mão. O 3.º, e mais raro (só referido pelo jesuíta P. Kirker), consiste em cortar em dois pedaços um rebento de aveleira, direito e sem nós, aparar um em ponta e outro em covinha, juntá-los e segurá-los com os dedos indicadores. O sinal desejado é a vara inclinar-se perpendicularmente ao horizonte.

No *Bulletin de la Société Préhistorique de France* (1913, p. 701) encontra-se a narração duma pesquisa arqueológica com auxilio da varinha de vedor (*baguette de sourciers*); o depósito encontrava-se a quatro metros de profundidade, consoante fôra previsto.

muito. O caso é que restos arqueológicos sempre estes sonhadores desenterram. Fizeram-me dono dum fragmento cerâmico curioso; era o bordo dum grande vaso de barro com impressões digitais contíguas no bordo. Logo para o bom do camponês estavam ali as polpas marcadas duma mão com 7 dedos, o que indicava tesouro: é mais um caso do número supersticioso 7. (*Lusa*, I, n.º 3; *O Arch. Port.*, v, 38).

A ornamentação com depressões digitais em fitas ou cordões de argila estendidos e applicados sôbre os vasos tem sido referida bastantes vezes de proveniência castreja e posterior; no bocal porém, que figuro, as dedadas correm a aresta do bordo, o que é bastante original. A cerâmica é lustrada exteriormente, mas não pintada, e o vaso não foi rodado e devia ter a forma semi-esférica. Tem no Museu Etnológico o n.º 11:983; mede 0^m,128 no comprimento e tem de espessura 0^m,018. Fig. 13.

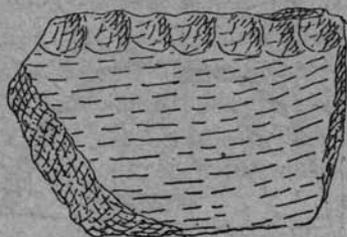


Fig. 13

No Museu Etnológico há uma pedra desta proveniência e de forma rara na série das mós castrejas; é o pé de uma mó, alta, cilíndrica, pesada, pouco portátil. Mede de altura 0^m,50 e tem de diâmetro 0^m,48 (*O Arch. Port.*, VIII, 58).

6.—O Santo Lenho de Grade

Engastada num dédalo de encostas agrestes, a singela igreja de Grade, no concelho dos Arcos de Valdevez, rompe, com a sua alvura de cal, as sombras da paisagem montanhosa. Um riacho, que para o Vez desce através dos campos de Ázere e de Giela, contornando os ângulos desses córregos tam enclavinados como os dedos de mãos em súplica, e que ora se oculta em uma re-volta, ora surge a luzir mais ao longe, serve de guia até o presbitério recatado, passando-lhe ao fundo. Em exíguos recantos desses pendores, verdejam ao sol, que os ilumina, os retalhos de pelúcia das humidas glebas cultivadas. Evocativa tela!

Santa Maria de Grade...: são sempre respeitáveis anciãs as freguesias com invocação de Santa Maria, tam portuguesa, como simples e concisa. Em algumas, tem-se ainda encontrado a gótica escultura que foi o seu primevo icone.

Esta freguesia de Grade já é conhecida dos leitores d'*O Archeologo Português* por uma lápide de época lusitano-romana, lápide

valiosa, quer pelo onomástico quer pelo anaglifo duma cruz, que ocupava o frontão, e ainda pela rudeza dos caracteres é da pedra. (*O Arch. Port.*, IX, 74).

É ela também uma das *collationes* mencionadas nas *Inquirições* de 1258.

Situada num dos mais elevados e recortados contrafortes da serra de Soajo, afastada portanto das terras baixas e mais acessíveis às imigrações, não deixou de ser habitada desde antiquíssimos tempos. Não lhe falta um notável castro, rodeado de muralhas, que fronteiro ao de Cabreiro (*O Arch. Port.*, IX, 214) com elle forma o grupo das últimas sentinelas que mais alto se acoitavam nas montanhas fragosas daquele maciço.

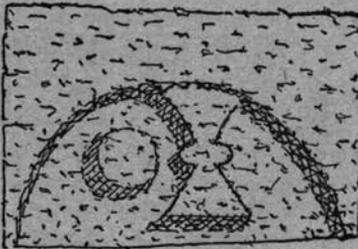


Fig. 14

Em uma parede exterior da residência paroquial, há uma pedra onde se vê esculpido, debaixo dum pequeno arco rebaixado a modo de frontão, um cálix românico, e, ao lado, um disco que é decerto a representação da sagrada hóstia! A forma caracter-

ística do vaso indicia a antiguidade da insculptura, que pois se me afigura dos secs. XII-XIII. (Fig. 14).

Não é porém de velharias tam longínquas que vou ocupar-me neste *Rascunho*.

Na igreja paroquial de Grade venera-se, com singular aparato, uma relíquia conhecida na redondeza por o *Santo Lenho de Grade* e, na freguesia, o *Santo*, o *Santinho*. Tem altar próprio e uma confraria encarregada do seu culto. Já li que pertenceu a um dos vencidos de Valdevez no tempo de D. Afonso Henriques. Foi em Jorge Cardoso, no seu *Agiologio Lusitano* (vol. III, p. 54). Nenhum documento existe comprovativo, nem é provável que assim fôsse. Seja como fôr, é caso bem pouco vulgar a existência duma relíquia, autêntica ou não, em uma igreja serrana, sede de uma freguesia que já o era no séc. XIII.

Na bôca do povo, as lutas que se desenrolaram no vale do Vez, ou seja no sec. XII ou no XVII (guerra da Restauração), confundem-se e amalgamam-se. Não há atribuição alguma cronológica precisa.

A tradição conservada a respeito do Santo Lenho de Grade é que um homem da freguesia encontrou a relíquia na Veiga da Matança, onde consta que a luta dos terços portuguezes e espanhóis foi intensa, em Agosto e Setembro de 1662, e a levou para sua casa. Em uma

viagem que fez a Braga, deixara parte da relíquia na igreja do Pópulo. Sabe-se que o exército de Pantoja se manteve durante a campanha dêste ano principalmente nas encostas da margem esquerda do rio Vez, enquanto o do Conde de Prado inquietava o flanco direito e ocupava a margem direita; a freguesia de Grade encontra-se precisamente nos pendores à esquerda do vale. Mas havia já uma vintena de anos que a mosquetaria portuguesa e galega estrugia por estas serras do Alto-Minho. Estas circunstâncias tornam verosímil a tradição conservada de que a relíquia (provavelmente num relicário pendente) era trazida por algum graduado membro do exército espanhol, e por êle perdida ou dela desapossado¹.

Expurgando toda a roupagem de lendas imprecisas, o que ficam são as datas das edições das obras cujos autores noticiaram a relíquia famosa; fraca base cronológica mas a única de que disponho.

A *Monarchia Lusitana*² menciona-a e é citada pelo *Agiologio Lusitano* (Lisboa 1666)³. O autor desta obra alude ainda a Gaspar A. Lousada Machado, mas tratando-se de uma obra manuscrita não pude conferir a citação.

Obras anteriores a estas, como seria a do agiógrafo Fr. Diogo do Rosário (séc. XVI), não conheço que já façam referência à relíquia de Grade.

Ora estes subsídios não discordam cronologicamente da atribuição artística do relicário, que mal pode recuar além de toda a primeira metade do séc. XVII. É pois esta época que coincide ainda largamente com a da campanha espanhola; todas as probabilidades pois se reúnem para encontrar a antiguidade desta notável relíquia no séc. XVII, mais afastadamente do seu final que do seu início.

No arquivo paroquial também nada consegui aproveitar para perscrutar a origem segura desta notável relíquia, a que, em todo o caso, o pontífice Pio VI, em bula datada de 19 de Junho de 1785, concedeu indulgências e privilégios; o original de pergaminho conserva-se nesse modesto arquivo, onde o vi. Nada também ministra o *Diccionario Geographico* do P.^e L. Cardoso.

Mas sobre a autenticidade da relíquia, apenas lá encontrei uma

¹ Veja-se M. J. da Cunha Brandão, *Memoria sobre os combates da Travanca*, Viana 1910.

² Fr. António Brandão, *Monarchia Lusitana*, Lisboa 1690, parte III, p. 122.

³ Deve notar-se que a 1.^a edição da *Monarchia Lusitana* é de 1632 e assim se compreende que Jorge Cardoso (1666) a cite. A edição daquela obra que tive à mão era de 1690.

fôlha de papel, em que uma personalidade eclesiástica (visitador?), de nome António Manuel da Costa, diz o seguinte: «Atendendo a huns documentos particulares que me forão presentes e que *de algum modo mostrão* a verdade do Santo Lenho de grade hei por levantada a suspensão que lhe havia imposto, podera o Capelam da mesma Confraria, ou outro qualquer sacerdote secular ou regular expô-lo á veneração publica e dalo a beijar aos fieis e o R.^{do} P.^{or} me enviará o livro dos Cap.^{os} a frg.^a de Peroselo e o R.^{do} Po.^r e as mais pessoas que tem as chaves as fazerão prontas p.^a o dar a beijar o R.^{mo} Thisoureiro (?) mór Antonio Manuel (?) Caetano de Abreu Padroeiro da m.^{ma} Igr.^a San Payo de Jolda e de Agosto 12 (?) de 1777. Antonio Manuel da Costa».

Daqui se infere que o culto do Santo Lenho esteve suspenso, porque uma autoridade (?) eclesiástica duvidou da sua autenticidade.

Esta reliquia conserva-se num sacrário fechado com umas tantas chaves, confiadas a diversas pessoas nos termos dos estatutos. A sua posse tem dado lugar a vários pleitos.

Assim existe no arquivo uma certidão de sentença proferida nuns embargos requeridos pelos irmãos e officiaes do Santo Lenho contra o Rev.^{do} Lourenço da Costa Pereira em 16 de Setembro de 1739 por causa de ter sido eleito juiz da confraria um clérigo e secretário outro, o que era contra os estatutos. Esta sentença refere-se a um acórdão da confraria de 1719, Abril. Por um decreto de D. Rodrigo de Moura Teles (1704—1728), para o mesmo lugar da freguesia não podem ir duas chaves em consequência da «devossam e despachos que ha de sua Senhoria naquelle archivo per requerimento das duas partes da freguezia a freguezia se reparte em tres terços e o procurador leva huma chave para aquele logar donde he morador e o secretario leva outra que ha de ser de outro logar e a terceyra chave a leva o juiz», etc.

Houve outra questão em 1812 entre o vigário João Manuel Meleiro (ou Milheiro) e os membros da confraria, celebrando-se uma composição. Acordou-se, quanto à posse das chaves, seguir o antigo costume, devendo cada detentor trazer a sua chave à igreja nas 7 festas do ano em que costuma abrir-se o sacrário do Santo Lenho¹.

¹ Além dêste processo (cartório do escrivão Lima, nos Arcos de Valdevez) tenho mais a nota doutro no cartório de José de Freitas Sampaio e Castro começado em 6 de Junho de 1854 entre a confraria e o vigário Manuel Joaquim Gonçalves. Não sei qual dêles subiu à Relação do Pôrto, sendo escrivão João José Correia da Costa. (Apontamentos de 1898).

Destas notas conclui-se que a confraria já existe no princípio do sec. XVIII (1719).

Foi no dia 13 de Setembro de 1895 que visitei a igreja da Grade, com o intuito de examinar a celebrada reliquia. Era dia da Exaltação da Santa Cruz e portanto festa do *Santinho*. Rara a concorrência de fiéis; uma dúzia de pessoas na igreja. Devia haver exposição do Santo Lenho, com missa cantada, officio e sermão; no dia anterior tinham rezado vésperas. O culto arrefecido eliminou o sermão: a missa foi *chantreada*¹. A romaria mais importante é, porém, a do dia da Ascensão, em que vai um *clamor* da freguesia de S. Jorge.

Confesso que me causou surpresa o desamparo da igreja; o dia não era porém santificado. Tinha decerto sido mais fervoroso e popular o culto, para que por êle impetrassem bulas pontificias, se estabelecesse uma confraria, se estatuissem festividades e se aferrolhasse a 7 chaves o edículo, onde se guardava a preciosa reliquia. Êsse cofre está sôbre um altar lateral e tem duas portas. A exterior tem 3 chaves independentes e desiguais. Só depois de aberta esta se patenteia a porta interna fechada com 4 chaves. O relicário é de prata dourada, com duas faces ovais de cristal. (Fig. 15). Pelo lado exterior tirei as seguintes medidas²:



Fig. 15

Haste da cruz.....	0 ^m ,105
Braços maiores.....	0 ^m ,065
Braços menores.....	0 ^m ,042
Espessura.....	0 ^m ,009

¹ Em papéis do arquivo encontrei a frase: «padres que se revestem e chantreão nas festas mais 60 reis», etc.

² À memória do meu amigo P.^o Manuel de Gontariz presto o culto do agradecimento pela concessão obtida de poder fotografar a venerada reliquia sôbre o seu próprio altar.

Num dos braços ou cruzetas falta uma pequena lasca. Pode supor-se ter sido a que um abade da freguesia do Bico (Paredes de Coura) levou para a igreja do Espírito Santo daquela povoação e esteve exposta ao culto desde 1727¹.

Mas Jorge Cardoso diz que quem lhe tirou o maior pedaço foi o arcebispo bracarense D. Agostinho de Castro (1587-1609); narra também que uma mulher do lugar de *Côrtes* roubara a reliquia, mas ao passar um ribeiro caiu, abrindo-se um penhasco para receber o Santo Lenho; diz-se gravada aí uma cruz para memória do facto.

Se aquela informação fôr inteiramente exacta, o Santo Lenho de Grade pode atingir em antiguidado o final do séc. XVI.

O relicário em que a cruz, de duas travessas, está contida, parece, pelo seu aspecto e labores, ser bastante anterior ao ocaso do séc. XVII.

7.—Inumações mediéviças

No aro da freguesia de Parada, cujo orago é S. João Baptista, há um sítio a que dão o nome de *Sanjoana*, e é hoje uma quinta



Fig. 16

do Sr. Conde de Porto Covo. Na tradição popular está registada a noticia de que a mais antiga igreja da freguesia foi ali; o locativo, recordando o orago, testemunha o crédito que merece a informação. Parte da eira parece ter sido o velho adro e no pretenso local da igreja parece que se levanta hoje (1897) um espigueiro. As ossadas que surgem ainda são restos dos antigos enterramentos; apesar de profanadas pelo esquecimento, elas reclamam a paz das sepulturas. A um lavrador que, desfazendo uma destas, foi guardar em casa os restos encontrados, perseguiram-no suces-

¹ Narciso C. Alves da Cunha, *Paredes de Coura*, p. 292.

sivas desgraças; compreendendo a indignação da alma penada, restituíu à terra os despojos violados e a ira do outro mundo acalmou-se.

Outra sepultura encontrada pelo actual caseiro da quinta era mixta: compunha-se de 3 lajes e 3 *tegulae*; foi o arado que, chocando em uma daquelas, revelou a existência do depósito tumular. Duas das *tegulae* são iguais; dois sulcos largamente traçados na parte fresca de argila desenham duas curvas sinuosas paralelas na face superior da *tegula*.

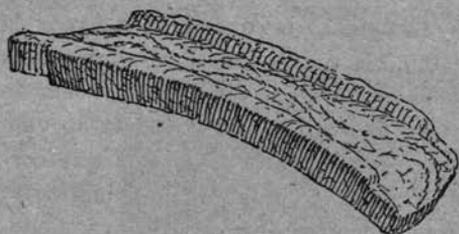


Fig. 17

Em outra, a decoração limita-se a um ângulo pouco menos que recto, dividido por uma hipotenusa e traçado no lado menor da *tegula*. A telha figurada com traços sinuosos mede no seu eixo 0^m,510 de comprimento nos lados menores; a fendida tem 0^m,470 de comprimento e 0^m,370 e 0^m,360 nos outros lados; se nos lados menores se medir o estreitamento real dos entalhos de ajustamento, encontraremos para a primeira 0^m,310 e para a segunda 0^m,330. São pois muito fracamente trapezoidais, contudo a sua aparência do trapézio provém-lhe dos rebordos da face superior, que são mais largos na extremidade mais estreita que noutra, deixando uma larga calha francamente trapezoidal. Ambas apresentam uma pronunciada curvatura, como se vê nas figs. 16, 17 e 18.

A decoração das *tegulae* romanas e medievais era geralmente feita de um modo sumário com os dedos do oleiro; e nalgumas, em lugar de traços de fantasia, vêem-se siglas alfabetiformes.



Fig. 18

As três *tegulae* aqui mencionadas guardam-se hoje na Secção dos Materiais de Construção, no 1.º pavimento do Museu Etnológico (*O Arch. Port.*, v, 39), e com análogos desenhos há-as, do Sul, nas necrópoles de Azaruja e de Beja. Os traços ondulados ornavam também as telhas semi-cilíndricas (*imbrices*) de Troia de Setúbal e outros locais.

As inumações pertencem à época medieval e decerto são coevas do cemitério descrito em o n.º 1 destes *Rascunhos*, o qual fica na en-

costa da margem esquerda do rio Vez, enquanto o de Parada fica nos declives da margem direita.

8.—Castro de Alvora

É um dos numerosos castros («crastos») do concelho dos Arcos de Valdevez, mas dos mais modestos. Os restos das obras defensivas constam de duas escarpas e uma banqueta que circundam a estação em quasi toda a sua circunferência, excepto na parte oposta ao vale ou garganta, cuja passagem o castro defendia. Dêsse lado, que correspondia ao noroeste, era (e é) a ligação com os terrenos limítrofes. Aí começa a elevar-se a banqueta de terra com um declive moderado até sobressair nitidamente sobre o relêvo da primeira escarpa. No cume, parece reconhecerem-se vestígios de construções e remeximentos do subsolo.

Tentando sondagens, os fragmentos de tejos e de olaria micácea eram numerosos, mas logo surgiu uma testemunha bem arcaica: um fragmento de belo machado polido de piçarra anfibólica¹. Está no Museu Etnológico Português com o n.º 11:980 do *Catalogo*. (*O Arch. Port.*, v, 38).

Dêle se avistam os castros de *Aboim* e de *Eirás*², que porém ficam do lado oposto à garganta a que me referi e que era a passagem transversal do vale do Vez, afluente do Lima, para o vale do Minho; ainda hoje se chama *Portela* a freguesia do ponto de passagem.

Note-se a sobreposição das três civilizações: prè-, proto- e histórica.

9.—Uma freguesia neo-goda. Igreja azulejada e cruzeiro Antigos pombais

Gondoriz, talvez melhor *Gonderiz*, como nas *Inquirições* de 1258, é uma grande freguesia do concelho dos Arcos de Valdevez. A antiguidade da sua origem histórica está expressa na sua própria designação toponímica. O genetivo do nome pessoal visigótico *Guntericus* é o seu étimo; remontamos assim à constituição rural da reconquista, tam estreitamente ligada aos séculos pròpriamente da invasão germânica, encontrando nas mesmas feracíssimas encostas, por onde a actual freguesia se alarga, um domínio territorial a que um neo-godo prendera o seu nome dum modo tam íntimo que ainda hoje

¹ Classificação do D.^{or} Guimarães, de Coimbra.

² *O Arch. Port.*, xv, 236; onde se menciona a oferta de 12 bronzes romanos dêste castro pelo Rev.^{do} Manuel José Fernandes.

perdura. Teria sido pois uma *villa Gunterici* no latim medieval a origem da *collatione de Sancta Ovaya de Gonderiz*, a que as *Inquirições* de D. Afonso III se referem ¹.

Ainda ali há os lugares de *Cabo da Vila* e *Vila Boa*, retalhos prováveis da *villa* fundamental. *Vilar de Mouro* também se prende

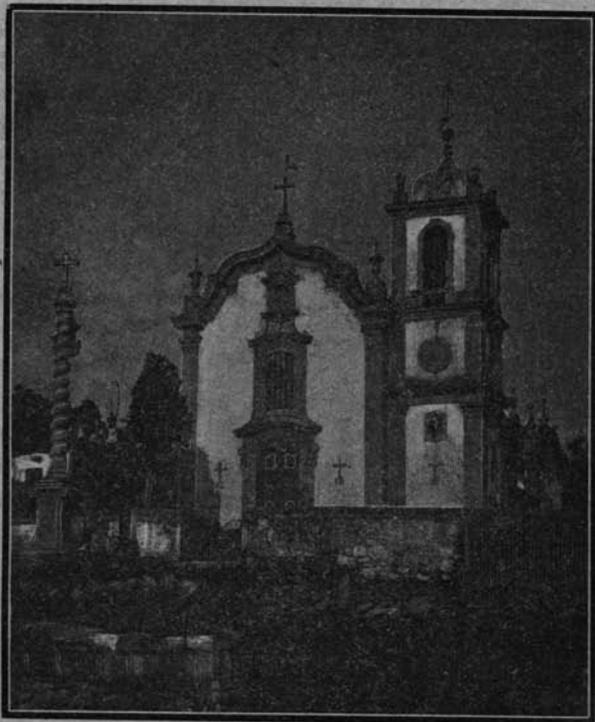


Fig. 19

à mesma época e já as *Inquirições* se lhe referem. O lugar do *Paço*, onde dizem que houve uma tôrre (e já o dizia o pároco informador de 1758) e onde aparecem tejos, é um novo documento da vida medieval desta freguesia ².

¹ O S.^o A. A. Cortesão, no seu *Onomástico Medieval Português*, recolheu *Guntericus* em documentos do séc. x, e ainda relacionáveis *Gonteriz* e *Gontiriz*, *Gonderiz*, todos do séc. xiii (*O Arch. Port.*, xi, 109). A pronúncia popular é actualmente *Gundriz*. Com o mesmo étimo há no dito concelho *Gontariz*, já citado pelo S.^o Pedro de Azevedo (*Nomes de pessoas e nomes de lugares*, p. 3).

² Os seus *herdadores* iam às montarias, ainda no séc. xiv (1358), do porco, veado, corço e cervo; quatro bichos diferentes, portanto.

Visitei estas terras em 1895 (Março e Agosto) e em 1903 (Outubro). Das notas respectivas a essas rápidas excursões traslado êste

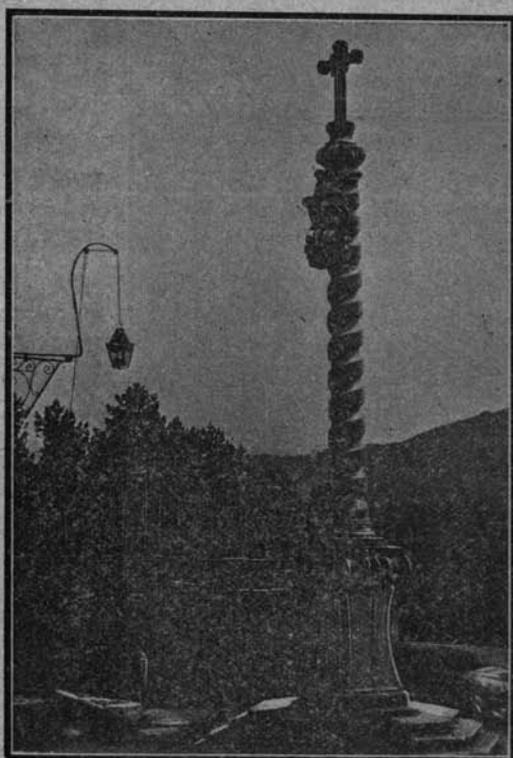


Fig. 20

Rascunho, na fé de que terá alguma utilidade a tarefa.

Comecei por visitar a igreja paroquial, que é das melhores e mais vastas da região em que me supponho agora peregrinando Fig. 19. A matriz da freguesia é interiormente azulejada, o que constitui também rara circunstância no Alto-Minho; mas deve ter havido profundo remeximento na disposição dos azulejos, porque os vi colocados a troche-e-moche; e, para maior contrariedade do visitante, eram azulejos datados! Em um lia-se a data de 1717; em outro a palavra *fazer*. Na torre, três sinos ocupavam as ventan-

nas; as datas das fundições eram 1784, 1793, 1864, pela ordem das suas dimensões; um dos sinos batia horas¹, que, em consequência da situação dominadora da igreja, se ouvem num vasto âmbito das longínquas quebradas. O cruzeiro monumental, em frente da igreja, êsse é então um esplêndido monólito, datado de 1771. Fig. 20.

O portão do passal é também um belo exemplar do séc. XVIII (1763 ou 1768), com duas legendas psalmódicas nas pilastras.

¹ Observando a máquina do relógio, notei um curioso e sagaz artifício do... sacristão. Como o relógio se adiantava, exageradamente, entendeu o improvisado relojoeiro que o processo mais eficaz de impedir a correria do maquinismo era amarrá-lo fortemente, como lá se faz aos equídeos que se lançam para o maninho. E assim o vi: uma das engrenagens peada com uma corda para girar mais devagar pela resistência oferecida!

Não longe da igreja vê-se um íngreme cabeça arredondado, a que chamam a *Coroa*¹; no sopé há a *Fonte do Cuco* e poldras no regato que ali corre. Tem-se ali remexido o solo porque «há tesouro encantado». Já lá apareceu uma *cabrita de ouro*... Que se tivesse encontrado uma figurinha de cabra é inteiramente crível: em Portugal e Espanha registam-se destes achados de carácter religioso protoistórico. O «ouro» é que provavelmente era mero bronze, que o achador viu luzir depois de desenerustado do óxido.

No cumo da *Coroa* há uma construção circular em ruína a que chamam *Pombal* e é perfeitamente idêntica a outra que examinei na *Quinta do Outeiro*, e cuja antiguidade estava atestada pela fama de ser obra dos «Mouros». A entrada desta, ao nascente, era uma abertura de 0^m,50 de alto e 0^m,30 de largo, que do terreno circunjacente se elevava 0^m,50; mas



Fig. 21

do pavimento interno da construção o desnível atingia 1 metro. O paramento exterior d'êste edificio, cuja altura tinha 3 metros, e o diâmetro, medido internamente, 4^m,80, era de alvenaria irregular. A disposição do paramento interior da construção era característica. Viam-se fiadas horizontais de pequenas lajes, que faziam saliência sobre a espessura da parede interna e que se apoiavam em pequenos esteios verticais de pedras tôscas, resultando desta disposição um conjunto de alvéolos desiguais quadriláteros, mas contíguos, em séries horizontais paralelas. Fig. 21. No pombal da *Coroa*, a entrada está orientada para o norte e é rasa do terreno exterior.

São certamente duas construções antigas, mas não sei como captular a sua antiguidade, por falta de elementos architecturais; não tinham já vestígios de cobertura. Diz o S.^{or} D.^{or} Leite de Vasconcelos (*Estudos de Philologia Mirandesa*, p. 9) que em Trás-os-Montes se encontram freqüentemente pombais redondos de pombas bravas.

10.—Sepultura rupestre quasi destruída. Um enigma Inscrição seiscentística

A freguesia de *Gondoriz* tem dentro dos seus limites uma sepultura rupestre, de que já fala a *Corografia* do P.^e Carvalho. Cha-

¹ Êste locativo pôde ser homólogo de *castro*, mas creio que é de uso mais freqüente na Galiza do que no Minho.

Quando em 1903 visitei este sítio, tinha sido encontrado um «for-ninho»; não cheguei a tempo de o examinar, mas foi-me descrito pelo achador. Junto dum penedo tinha sido construída uma pequena cavidade subterrânea, cujo pavimento era constituído por *tegulae*; dos lados por duas pequenas placas de pedra aproveitadas de anterior construção e postas de cutelo; o tecto era representado pela própria fraga a que se encostava; um grande seixo rolado servia de opérculo no lugar da porta. Do espólio interior, o que me foi mostrado, era constituído por uma bola de chumbo, e isto me causou verdadeira surpresa. Confesso que me não ocorreu então tentar a decifração deste enigma, perguntando ao achador se a bola era o resíduo dalguma urna de chumbo de sepultura romana por incineração, urna que elle tivesse vandâlicamente fundido.

Na casa de morada da *Quinta do Outeiro*, encontrava-se em 24 de Março de 1895 e penso que ainda lá está, embebido no paramento da frontaria, ao Sul, um tóso silhar com inscrição latina, que me pareceu paleograficamente quadrar ao século XVII e que diz, numa afirmação de prosápia litigante:

MCEC DOMVS
ANTIQUOR ANTIQVISSIMS
VOCATUR
PASSVMBELHMALTORALTOR

Fig. 23

Esta curiosa lápide, em que *Paço Velho*, foi alatinado com estu-gada ingenuidade, sem faltar a troca do V por B, deu-me a impres-são de ter já pertencido a outro edificio; efectivamente na freguesia há outro lugar chamado do *Paço*, onde aparecem tejos espalhados pelo terreno e se conta ter havido uma torre. Adivinha-se um des-pique de linhagens. Na freguesia de Paço é que há um lugar de *Paço-Velho* e talvez haja mais em outras freguesias.

No ângulo da mesma parede, vê-se um velho escudo de armas, encimado por coroa.

11. — Sepultura laterícia. Vestígios preistóricos. Cidade

Em Outubro de 1903 fiz uma excursão à freguesia de Prozêlo, do concelho em cuja área me tenho mantido nestes parágrafos dos *Rascunhos*. Tinha-me constado que em determinado sítio tinham aparecido sepulturas de tejos. Chama-se *Pelourinhos* o local; é um

curto trato de terra de cultivo, situada à borda de um caminho e próximo de duas eminências ou altos: um a leste, chamado o *Côto da Lama*, e o outro, o *Côto das Cancelas*.

O achador, interrogado, declarou que apenas encontrara uma cova forrada de quatro tejos de rebordo, juxtapostos pelos seus extremos. Estas *tegulae* formavam as paredes; o pavimento era de terra batida e a tampa de fragmentos de tejos. Não encontrei dentro vestígio algum de esqueleto.

No tal *Côto da Lama* havia que ver. Um cômodo de terra, evidentemente artificial, como uma grande mamôa. Presumo que não

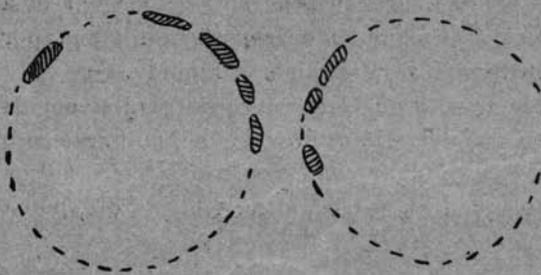


Fig. 24

era monumento pré-histórico, mas um pequeno reduto que para norte se prolongava num revelim, em cuja base entestava um parapeito de cascalho. Poder-se há atribuir ao século XVII, porque ficava sobranceiro à

estrada velha que descia do *Alto da Portela* (onde existem restos de dois fortins de terra) para o fundo do vale do Vez, que foi teatro duma fase muito viva da guerra de invasão espanhola posterior a 1640.

No próprio cabeço, ou côto, afloravam a terra algumas pedras soterradas e dispostas em dois círculos incompletos, cujo diâmetro era de 1^m,50. Fig. 24. Talvez restos de sepulturas de incineração, mas seria preciso remexer o local para colhêr elementos de apreciação mais seguros. A utilização estratégica d'êste ponto não obsta a que possa ter sido estância pré-histórica; é uma eminência de áspero acesso, mas de curta extensão. No Museu Etnologico guardei quatro cacos lisos colhidos no solo. Têm o n.º 12:012 do *Catálogo*.

Há ainda nesta freguesia um *Côto da Cividade*, também elevação de dimensões restritas, onde uma povoação pre-romana deixou vestígios que nos habilitam a prolongar a sua permanência até épocas consecutivas, a julgar pela cerâmica que juncava o solo, onde não faltava a *tegula*. No mesmo Museu conservam-se cinco exemplares cerâmicos lisos d'êste sítio; tem o n.º 12:013 do *Catálogo*. Na base d'êste cabeço, há um sítio com significativa toponímia: a *Cova do Ouro*, e uma fonte a que se liga a lenda de riquezas encantadas.

Saindo dos tempos arcaicos, não deixamos de encontrar mais curiosos elementos de estudo do passado.

Perto do *Côto da Lama*, para noroeste, em situação fronteira, fica o lugar de *Cima-de-Vila*. Depois, para oeste, a casa da *Torre*, nome que apenas corresponde à tradição de ter havido ali uma edificação daquele género, demolida por um abade (?) da freguesia, em data não muito recuada. Nos terrenos circunjacentes aparecem tejos e dizem que dinheiros antigos.

Não menos interessante é terem-me indicado neste lugar, que se chama *Coucieiro*, uma pedra no caminho onde os foreiros de determinada casa (Portinho de Gondarém) tinham de ir levar os seus foros. Recolhi depois para o Museu Etnológico Português alguns exemplares de telhões portugueses, de aspecto bastante antigo, provenientes duma velha habitação desta freguesia. Tópicos que anotei: *So-a-gandara* (leia: *Suagândara*), *Cadaforra*, *Gurdetólas*, *Agruces*.

12. — Crésto e crasto. «Ripostigli» de moedas. Custódia selscientífica

A forma, certamente rara, da palavra *Crésto* existe ao lado de *crasto* (Monte do —), achando-se até próximos um do outro os locais que as duas denominações abrangem. Dá-se este facto na freguesia de *Aboim*, do concelho de que me tenho ocupado.

Mas não só há aí *Crésto*, senão também *Sucrésto* (*so-o-Crésto*), como *Suadevesa* (Valdevez) de *so-a-devesa*, *Suacosta* (Porto-de-Mós) de *so-a-Costa*, etc., como já foi justificado.

Além destes, outro sitio elevado tem o tópicos de *Castelo*. Todos estes pontos estão bem determinados como estações humanas pré-romanas e romanas, dentro duma só freguesia; facto que demonstra a densidade da população, já nessa época distante.

No *Monte do Crasto*, que se encontra próximo do lugar de *Vilar*, eram ainda patentes em 1897 as ruínas das cabanas circulares.

A disposição destes sitios é também característica. O *Crésto* é uma eminência pequena, mas despenhada e no cimo plana. As mós castrejas e a cerâmica aparecem como destroços dum viver que passou. Um utensílio de moagem antigo vi eu e, por ser curioso, consegui recolhê-lo no Museu Etnológico. É uma pedra, que mede em uma das faces 0^m,37 em quadro; essa face é cilindro-côncava e a superfície muito polida, mas com indícios de o ter sido pelo friccionamento repetido e constante no mesmo sentido; o encurvamento polido corresponde a um raio de mais de 0^m,30. Tem o numero de entrada: 6:446.

Em 1907 encontrou-se enterrado um vaso de barro, com cerca de 4 litros de pequenos bronzes romanos; a série cronológica monetária prolongava-se de Constâncio a Arcádio e Honório. E antes deste achado outro se dera, havia anos; vi uma destas moedas, que era angulosa, e na ocasião não me pareceu romana. (*O Arch. Port.*, XIII, 96; *Portugalia*, II, 667).

Um dos vestígios, cujo aparecimento me foi mencionado, foi o de uma cavidade feita no solo duro, chamado *saldo*, e que é constituído por elementos graníticos de cor amarela; a capacidade dessa escavação seria a de «uma pipa», isto é, cerca de 500 litros, e a forma a de «gamela». Essa fossa só continha cinza e carvões. Na boca tinha de diâmetro 1^m,30 e a profundidade 0^m,80¹. No mesmo local, que se denomina a *Chã do Bejigo*, encontrou-se um forte pavimento quadrilátero de tejolos, com 0^m,45 × 0^m,025 nos lados e de profundidade 0^m,25 a 0^m,30.

Locais assinalados por aparecimentos de antigualhas há ainda mais. *Toural* é um outeiro, donde surgem fragmentos de tejolos e outra cerâmica romana e onde parece ter havido no séc. XVI olarias, segundo o velho Tombo. A bela carranca de bronze que referi no *O Arch. Port.*, II, 319, foi encontrada perto do sítio chamado *Castelo*, ao abrir-se a estrada que passa nesta freguesia; também aqui abundava a cerâmica romana. Refere-se também o encontro de moedas de prata como «dois tostões» (denários?).

Tudo isto demonstra a longínqua ascendência desta freguesia. Mas o seu próprio nome já é um toponímico digno de atenção, se bem que só no norte de Portugal haja oito freguesias chamadas *Aboim*, nos concelhos dos Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Barcelos, Celorico de Basto, Fafe e Amarante. A etimologia é o nome pessoal *Abolinus*, no genetivo. Colheu-o o *Onomástico Medieval Português* (*O Arch. Port.*, VIII, 189) com as formas *Abolini*, *Abolinus*, *Abulin*, em documentos da idade média². Este senhor de sangue germânico deixou talvez ainda outro toponímico, o de *Paçô* (*palaciolus*), com que teria sido apontada a sua residência senhoril.

É esta arcaica e ininterrupta genealogia do homem do norte que o prende como nenhum outro ao seu torrão natal; e se ele emigra, num sonho de trabalho e riqueza, é para vir ainda depois colocar

¹ Compare-se com os poços referidos na *Rev. de Guimarães*, XII, 13, e XVI, 9.

² Também Ernst Förstemann (*Altdeutsches Namenbuch; Personennamen*, s. v. *Abilin*) cita os *Monumenta Germaniae* («Scriptores», t. XIII, 292).

ao lado do seu berço o seu próprio esquite, saciando a sua característica nostalgia.

Ilustra este *Rascunho* a fotografatura da valiosa custódia que a igreja possui. É, segundo penso, uma obra de origem industrial, de cobre dourado e não um trabalho de torêntica artística individual, mas é inegável que a sua forma é elegantíssima e típica. Fig. 25.

No *Catalogo da Exposição de Arte Ornamental* (sala O, n.º 488 do texto e fig. 115) encontra-se desenhada uma custódia de prata, de Setúbal, com inscrição datada de 1717. A semelhança é flagrante. Compare-se também outra de Coimbra, atribuída ao séc. XVI (*Idem*, sala N, n.º 253 do texto e fig. 72). A de Aboim tem também o amplo hostiário flanqueado de dois pares de colunas estriadas em hélice, que sustentam um entablamento com friso ornado de folhagens. Sobre o entablamento que, na sua zona central, tem planta circular, apoia-se uma cúpula abatida, cujo lanternim, acostado de quartelas, é rematado por uma cruz equilátera de braços torneados. Por baixo do edículo está a copa caliciforme, em cuja bôca se ajusta um corpo cilíndrico, também com relevos ornamentais, donde ressaltam lateralmente duas robustas mísulas que servem de suporte às colunas do edículo. O nó e a larga base desta apreciabilíssima custódia são todos ornamentados no mesmo género relevado.

As custódias dêste estilo, às quais chamam filipinas, são atribuídas genericamente ao séc. XVII; e quem visitou a magnífica Exposição de Arte Ornamental realizada em Viana, no ano de 1896, pôde admirar o rico agrupamento de custódias minhotas de prata dourada, que caracterizam êste tipo artístico e que pertenciam às igrejas matrizes de Monção, Ponte de Lima, Arcos de Valdevez, Covas, Pias, Gândara, Areosa e Perre (*Catalogo da referida exposição, estampas I a IV*). A de Aboim não é porém de prata como todas aquelas, nem tintinante como a maior parte delas; não deixa por isso de ser um precioso exemplar dum tipo definido das artes industriais religiosas seiscentísticas, de que se mencionam réplicas na vizinha Galiza¹.



Fig. 25

¹ A. Lopez Ferreiro, *Lecciones de Arqueologia Sagrada*, fig. 278. Três das mencionadas no texto são atribuídas a trabalho vimaranense pelo S.º D.º Figueiredo da Guerra.

Em todo o caso, acima de todas as conjecturas quanto à antiguidade dum monumento, estão os documentos da sua história escrita e é possível que no cartório da igreja de Aboim haja alguma referência à compra e procedência da sua bela custódia; as duas da *Exposição* lisbonense eram: uma do séc. XVI, outra do XVIII.

**13.—Igreja românica de «Rubiães» (Paredes de Coura)
Banco antigo. Esconderijo pré-histórico. Milários**

Já depois que, em serviço do Museu Etnológico¹, visitei no ano de 1909 Paredes de Coura, publicou o meu saúdoso cicerone de então

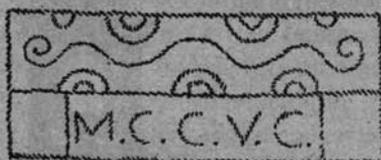


Fig. 26

uma óptima monografia daquele concelho. Foi seu autor o D.^{or} Narciso Alves da Cunha, natural dali e que pouco tempo depois expirava em Lisboa, vitimado por uma pneumonia. Esse livro é um delicioso trabalho, escrito com o coração; mas é tam-

bém um arquivo inteligente de tudo quanto Paredes de Coura compreende do seu passado e da actualidade.

A linda região de Paredes de Coura abunda em vestígios do passado, quer pré-histórico quer romano e medieval; é por isso que na monografia mencionada o seu autor insiste, de um modo que não é vulgar em trabalhos desta índole, na descrição arqueológica dos restos ainda existentes.

A primeira relíquia do passado que visitei foi a igreja românica de *Rubiães* (*Rubianes* e *Rubeans* dos documentos); sofreu refundições, mas a sua solidíssima construção tornou desnecessários maiores atentados do que aqueles que os fregueses conseguiram pôr em execução.

Pode ainda admirar-se o belo pórtico de três arquivoltas, algumas frestas primitivas, as paredes do corpo da igreja com seus cachorros e talvez a capela-mor em parte.

Na vêrga do tímpano do pórtico há uma inscrição que me pareceu apócrifa ou restaurada. Fig. 26. Creio que se gravou um V em lugar de um X, a não se considerar que o V deve ser subtraído do C consecutivo, subtracções de que há exemplos diplomáticos.

Achei digno de arquivo, como exemplar de tipo rural, um banco de carvalho que estava dentro da igreja e que representa um móvel

¹ J. Leite de Vasconcellos, *Historia do Museu Etnologico*, p. 331.

desta natureza reduzido à sua mais simplificada e robusta expressão. Fig. 27.

O miliário, que lá existe transformado em sarcófago, não é facto sem exemplo no martirologio destes monumentos, até no estrangeiro.

Informaram-me nessa ocasião que, quando se procedia aos trabalhos da abertura da estrada, que passa na proximidade da igreja, foi encontrado um *repostiglio* de facas de pedra talhada, em número de dezasseis.

Diz o D.^{or} N. Alves da Cunha que na freguesia de *Rubiães* há ainda 7 miliários; isto prova suficientemente que a via romana *Bracara Asturicam* (*Limia, Tude, etc.*) passava nestes sítios e os seus vestígios foram examinados e reconhecidos pelo mesmo publicista¹ numa excursão, cuja notícia publicou no jornal *Voz de Coura*, n.º 108, de 28 de Outubro de 1905.

O leito da via romana é reconhecível

na vertente oriental da serra do *Formigoso* e proximidades da igreja de *Labruja*, que já pertence a Ponte de Lima². Mas há no lugar das *Antas* desta freguesia de *Rubiães* um caminho, cuja denominação tópica, a *Rua*, é suficientemente expressiva, e quasi sempre revela em vários pontos do país a existência de restos tradicionais de vias romanas³. Uma das circunstâncias que tornam mais notável esta série de miliários, é que faz parte dela o mais antigo marco da rede viária do *Conventus Bracaraugustanus* e é o que ainda se conserva no lugar de *Crasto*; é de Augusto⁴.

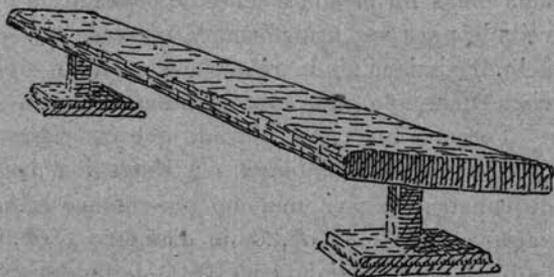


Fig. 27.

14.—A suposta ponte romana de Rubiães. Lápides destruídas O Monte do Cónego (Valença). Nota fonética

A ponte de *Rubiães* tem passado por obra romana; esta velha ponte tem três arcos, um maior e dois menores; são na verdade de

¹ Dr. Narciso Alves da Cunha, *Paredes de Coura*, p. 91.

² Idem, *ibid.*, p. 63.

³ Idem, *ibid.*, p. 546.

⁴ M. Capela, *Miliários do Conventus Bracaraugustanus em Portugal*, Porto 1895, p. 83. Recentemente descobriram-se mais 2 miliários desta via, na freguesia de Sapardos (Vila Nova de Cerveira); vid. *Gente Minhota*, 1926, 1, 1.

volta redonda e não se vêem siglas nas cantarias; mas inclino-me a que o monumento que existe não é de construção romana, senão medieval; toda a silharia é lisa e não rusticada e o pavimento de cavalete. É possível que o local seja porém o mesmo do autêntico e primitivo *pons*.

Um dos sítios que visitei, foi a capela de S.^{to} Estêvão, no lugar de *Lisouros*, freguesia de *Cunha*, donde veio uma notável ara para o Museu Etnológico (*Ibid.*, pp. 128 e 544). O local, apesar de sertanejo, era provavelmente um núcleo pagão, porque além dêsse cipo funerário, tive notícia de que, nas substrações do altar-mor da capela, foram encontradas mais duas lápides sobre as quais aquele pousava; uma delas foi picada e serve de pedestal do púlpito, a outra foi aproveitada para ser transformada em cruz que domina a empena da capela. Existiam ainda restos deste último cipo, na ocasião da minha visita, mas não pude nem examiná-los, nem obtê-los.

Percorri um ponto elevado que em rigor não pertence a Paredes de Coura, mas a Valença: é o *Monte do Cónego*. Aí existem vestígios de construções; vi uma mó pre-romana e em uma fraga uma escavação ou pia com 0^m,20 de diâmetro e 0^m,30 de profundidade; ao lado há um regozinho com 0^m,03 de fundura. E na baixa dêste monte que fica o sítio de *Gróvia*. (*O Arch. Port.*, x, 289, nota 1).

Na minha curta passagem por estes sítios colhi alguns termos, que porém encontro também arquivados na obra do D.^{or} N. Alves da Cunha. Devo porém dizer que me feriu o ouvido a pronúncia aspirada do *g* (*pag-har*, *g-hado*) que o D.^{or} Narciso não regista, talvez por ser, êle mesmo, natural de Paredes.

15.—A Cividade do Cossourado (Paredes de Coura) Insculturas nas fragas

O local onde, durante a excursão a que me referi no n.º 14, me detive mais horas, foi na área do *Monte da Cividade*, da freguesia de *Cossourado*.

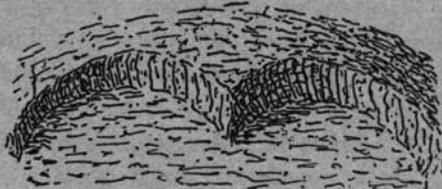


Fig. 28

Ao norte dêste sítio na chã ou planalto, há cinco ou seis mamões, sem pedra alguma.

Em uma laje dêste local, à direita do caminho (a 300 ou 400 metros de distância da

igreja, examinei a seguinte inscultura. É uma escavação circular, com o diâmetro de 1^m,50 e a profundidade de 0^m,20. Além desta

obra, vê-se uma calote em relevo afeiçoada na própria fraga, limitada por um sulco circular com 1 metro de diâmetro e altura de 0^m,20; duas covinhas voltadas para sul e um disco em relevo, mamilar, com pequena cavidade central; diâmetro 0^m,18. Ao norte uma escavação ao nível do terreno, e parcialmente aterrada, com a seguinte forma: Fig. 28.

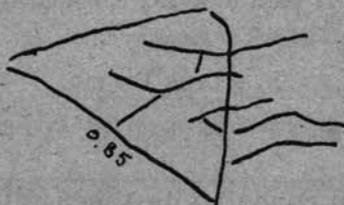


Fig. 29

igreja e à direita daquele, encontra-se outra calote com um relevo de 0^m,03 e um diâmetro de 1^m,05, seguida de outra cavidade artificial de contornos muito irregulares.

Noutra laje, a 20 metros de distância para poente, encontrei as seguintes gravuras (fig. 29); a linha da base tem 0^m,85.

No mesmo caminho e direcção há nova calote, que foi atingida por uma escavação ou pia, desta maneira: Fig. 30. O que parece demonstrar que as insculpturas em relevo são anteriores.



Fig. 30

Continuando para poente, encontram-se mais duas pias, desta forma. Fig. 31.

Junto do muro da bouça há mais; junto do cruzeiro há três e nova calote. Enigmas arqueológicos...

No Monte da Cidade, para poente, vêem-se duas ordens de muralhas derruidas, mas do lado da suposta acrópole têm alguma elevação; ao centro há um grande morro. A estrada romana passava na proximidade, de nascente a poente.

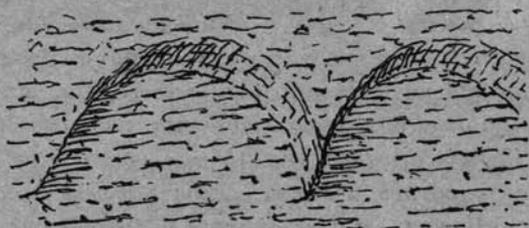


Fig. 31

Também se encontram vestígios dela no sítio, de tanta nomeada no Alto-Minho, chamado *S. Bento da Porta Aberta*; lá vi restos duma anta.

No local significativamente denominado *Monte da Modorra*, encontrei ruínas de construções e vi um triturador preistórico, que o D.^o Narciso recolheu.

O Rev.^{do} P.^e Vidal de Sousa Marinho, pároco de Cossourado, offereceu-me um vintém de prata de *Petrus II* para o Museu Etnológico, como consta d-*O Arch. Port.*, XVI, 105.

(*Continua*)

F. ALVES PEREIRA

Monumentos pre-históricos do concelho de Viseu

(Continuado do vol. xxv, p. 189)

Continuando com a indicação sumária dos mais importantes monumentos megalíticos dos arredores de Viseu, não devemos deixar de fazer referência ao que, de alguns dos já apontados no nosso primeiro artigo, se escreveu nos princípios do século XVIII.

Falando da imagem de Nossa Senhora da Vitória, do lugar de Carraguzela, freguesia de Cavernães, diz o Autor do *Santuário Mariano*, t. v, p. 231: «..... no meyo deste Lugar para a parte do Occidente começa uma serra; a quem dão o nome das Antas, a que se segue outra para a parte do Nascente, que chamão do Padrão; & nas raizes desta se vê o Santuário».

E mais adiante, na p. 235, acrescenta: «*Distante da Ermida da Senhora para a parte do Sul cousa de hum tiro de mosquete, em as fraldas da Serra do Padrão, he tradição entre os Naturais de que ali viverão os Mouros, porq̃ se vê vestígios de q̃ estiverão casas naquelle sitio, porq̃ se vem montes de pedras, que mostrão q̃ já serviram. (E poderá ser, que a habitação fosse dos Romanos, ou dos Godos, porque os Mouros só desbatarão & destruirão; & porque se tem achado naquelle sitio por vezes moedas, ainda que não erão de ouro, nem de prata, se me representa, não erão Mouros os que ali viverão). E mais afastado hum tiro de pedra se vê huma, que parece servio de sepulchro a algum corpo; (tambem destas sepulturas não usavão os Mouros), esta se vê junto á estrada que vai da Casa da Senhora para Vizeu, & alli está um pedaço de terra que se cultivava hoje, & e nesta se achão os dinheyros desconhecidos*».

As antiguidades, a que nesta passagem se alude, são incontestavelmente alguns dos monumentos megalíticos a que fizemos referência na serra de Mundão; e, a pesar de não serem sempre procedentes as razões invocadas para tal, não deixa contudo de ser